

Pessoa e a psicanálise

Há mais de trinta anos, comecei a escrever sobre Pessoa, tendo como inspiração teórica a psicanálise. Quando adotei uma ótica psicanalítica para analisar a obra do poeta, foi com alguns princípios já estabelecidos. Não se tratava de psicanalisar o homem Pessoa, a partir de sua biografia. Nem de psicanalisar sua obra, porque a obra literária não é um simples testemunho, ou um sintoma, sobretudo quando ela pertence a um “poeta fingidor”. Enfim, não se tratava de “aplicar” conceitos psicanalíticos à obra literária, mas de apontar coincidências significativas da temática pessoana com a teoria psicanalítica. Mais precisamente, com a obra teórica de Jacques Lacan, no que concerne à questão filosófica do sujeito: o sujeito como construção imaginária, como vazio, como “ninguém”.

Não é mera coincidência o que ocorre entre a obra do poeta e a teoria lacaniana mas a manifestação, em ambos, da concepção moderna do sujeito pós-freudiano. Pessoa e seus heterônimos ilustram essa concepção de forma tão exemplar que, depois de ter feito o cotejo entre o poeta e o psicanalista, achei que poderia mudar o título da comunicação que apresentei no 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, em 1978. Em vez de “Notas para uma leitura lacaniana do Vácuo-Pessoa”, a comunicação poderia intitular-se “Notas para uma leitura pessoana de Jacques Lacan”. Lacan teria gostado de conhecer um poeta que se definia como um mero “Vácuo-Pessoa” (*Livro do desassossego*).

Os poetas sabem mais do que os teóricos e, sobretudo, sabem dizê-lo de modo mais sintético e prazeroso. Que os poetas sabem mais, já era a opinião de Freud:

Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência¹

Essa opinião foi mantida por Lacan, que escreveu: “Os poetas que, como é notório, não sabem o que dizem, dizem porém as coisas antes dos outros”². E também: “[O

¹ Sigmund Freud, *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, trad. Maria Aparecida Moraes Rego, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 18.

² Jacques Lacan, *Le Séminaire Livre II, Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1978, p. 16.

psicanalista deve] se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede, e que ele não deve se meter a psicólogo ali onde o artista lhe abre os caminhos”³.

Pessoa se interessava desde sua juventude pelas teorias psicológicas e psiquiátricas, e não excluía que a obra literária pudesse ser objeto desse tipo de análise. Por volta de 1915, ele escreveu: “A obra literária e artística pode legitimamente ser objeto de uma análise psiquiátrica”⁴.

Mas foi muito mais tarde que ele disse tudo o que de importante se pode dizer da crítica literária de tipo freudiano. Disse-o numa carta a Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931⁵, texto em que o poeta examina, com a notável argúcia que o caracterizava, e com o profundo saber da “coisa literária” que sua prática lhe conferia, a utilidade e as limitações da psicanálise freudiana na crítica literária. Gaspar Simões, então jovem crítico do grupo *Presença*, tinha se aventurado numa análise freudiana elementar para entender a obra de Pessoa.

Infelizmente, Gaspar Simões não ouviu os conselhos de Pessoa, e na biografia do poeta publicada após a sua morte, manteve aquele freudismo elementar baseado nos acontecimentos da vida do poeta: perda do pai aos 5 anos, segundo casamento da mãe quando ele tinha 7, enfim, um caso edipiano exemplar, análogo ao de Baudelaire.

Adolfo Casais Monteiro, em sua severa crítica ao livro do companheiro da *Presença*, tinha razão ao dizer: “Gaspar Simões só viu afinal em Fernando Pessoa o mistério psicológico, o ‘caso’, o ‘problema’, e [...] seu interesse em ‘interpretá-lo’ estava longe de significar a capacidade de entendê-lo para lá do ‘caso’ e do ‘problema’”⁶. Casais Monteiro tinha, porém, menos razão, ao atribuir à fundamentação freudiana essa incapacidade.

Não é a fundamentação psicanalítica que prejudica a biografia de Gaspar Simões, senão o fato de ele pretender “explicar” a obra pelo homem (o livro se propõe, no “Prefácio”, como uma “explicação”), coisa que Freud e os melhores psicanalistas,

³ Jacques Lacan, “Hommage fait à Marguerite Duras, du ravissement de Lol V. Stein », in : *Marguerite Duras*, Paris, Albatros, 1979.

⁴ Fernando Pessoa, *Escritos sobre gênio e loucura*, 2 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, p. 393.

⁵ Fernando Pessoa, *Cartas*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio Alvim, 2007, p. 379-383.

⁶ Adolfo Casais Monteiro, *A poesia de Fernando Pessoa*, org. José Blanco, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 153.

prudentemente, se abstiveram de fazer. Freud considerava a sublimação artística um mistério que não podia ser elucidado pela psicanálise.

Na longa carta de Pessoa a Gaspar Simões, eu ressaltaria algumas formulações que deveriam servir de guia não apenas para a leitura da obra pessoana, mas para a leitura das obras literárias em geral. Primeiramente, a “psicanálise” que o poeta faz do próprio Freud:

Freud é em verdade um homem de génio, criador de um critério psicológico original e atraente, e com poder emissor derivado de esse critério se ter tornado nele *uma franca paranóia de tipo interpretativo*. O êxito europeu e extra-europeu de Freud procede, a meu ver, em parte da originalidade do critério, em parte *do que este tem da força e estreiteza da loucura* (assim se formam as religiões e as seitas religiosas, compreendendo nestas, porque o são, as do misticismo político, como o fascismo, o comunismo, e outras assim)” [sublinhado nosso].

O futuro belicoso das associações de psicanalistas lhe deu razão, no que concerne às “seitas religiosas”. E os críticos literários devem sempre se precaver contra a paranoia interpretativa.

Num texto dos anos 20, ele já exprimia esse conceito de “paranoia interpretativa”:

A forma da paranoia chamada de delírio interpretativo consiste na formação, pelo doente, de uma teoria que é uma verdadeira ideia fixa, no interior da qual ele coloca todos os fatos [...] omitindo instintivamente os que não lhe convêm. Essas doutrinas ou teorias são também teorias metafísicas ou religiosas, mas elas podem ser igualmente sociológicas e mesmo científicas. Assim, vários psiquiatras e médicos franceses sustentaram que o austríaco Freud, com sua psicanálise, revela de modo cabal a presença desse delírio.”⁷

Comentando o livro *O mistério da poesia*, de Gaspar Simões, que continha, entre outras, aquela interpretação freudiana do próprio Pessoa, este o advertia de que “o freudismo é um sistema imperfeito, estreito e utilíssimo”. Imperfeito, “se julgamos que nos vai dar a chave, que nenhum sistema nos pode dar, da complexidade indefinida da alma humana”; estreito, “se julgamos, por ele, que tudo se reduz à sexualidade, pois nada se resume a uma coisa só”; utilíssimo, porque

chamou a atenção para três elementos importantíssimos da alma humana, e portanto na interpretação dela: (1) o subconsciente e a nossa conseqüente qualidade de animais irracionais; (2) a sexualidade, cuja importância havia sido, por diversos motivos, diminuída ou desconhecida anteriormente; (3) o que poderei chamar, em linguagem minha, a *translação*, ou seja, a conversão de certos elementos psíquicos (não só sexuais) em outros [...]

⁷ *Escritos sobre génio e loucura*, p. 401.

Poucos especialistas seriam capazes de sintetizar tão bem a originalidade da contribuição freudiana à psicologia, e, por extensão, à crítica literária: a descoberta do inconsciente (que Pessoa chama de “subconsciente”), a importância da sexualidade em todas as manifestações humanas e, o que mais interessa a nós, críticos literários, a explicitação dos fenômenos de “translação”, isto é, de metaforização.

Sobre a existência do inconsciente, o poeta diz que já tinha chegado, pessoalmente, àquela conclusão. Sobre o segundo tópico, diz que tinha feito “menos observações, dado o pouco que sempre me interessou a sexualidade, própria ou alheia”. Como a teoria psicanalítica é totalitária, isto é, auto-explicativa, os psicanalistas poderiam interpretar essa afirmação como uma “denegação”, um “recalque” e uma “defesa”. De fato, o homem Pessoa sempre foi discreto com respeito à sexualidade. Em seus heterônimos, ela varia do excesso à falta: histeromasoquista em Álvaro de Campos, estoicamente serenada em Ricardo Reis, apenas “visual” em Bernardo Soares.

Acerca dos fenômenos de “translação”, ele informa, modestamente, que já tinha chegado a “alguns resultados”. Afinal, quem tinha a capacidade de “voar outro”, de assumir personalidades, pensamentos e sentimentos diversos, podia considerar-se mestre em matéria de “translação”. E os próprios heterônimos são transladores. “Eu nunca guardei rebanhos”, diz Caeiro; “o rebanho é meus pensamentos / e os meus pensamentos são todos sensações”.

Os conselhos que Pessoa dá a Gaspar Simões continuam válidos para todos os que se aventuram na crítica literária psicanalítica. Primeiro, no que concerne à utilidade da psicanálise na leitura crítica. Diz ele:

Não tenho lido muito de Freud, nem sobre o sistema freudiano e seus derivados; mas o que tenho lido tem servido extraordinariamente para afiar a faca psicológica e limpar ou substituir as lentes do microscópio crítico.

“Afiar a faca psicológica”, no caso da leitura de Pessoa, é abandonar as velhas noções da psicologia da personalidade, do “eu profundo”, para entender o que ele diz à luz conhecimentos psicológicos de nosso tempo, isto é, da psicanálise. “Substituir as lentes do microscópio crítico” é renovar seus ângulos de visão, sem se aferrar a velhos critérios. Mas como a carta de Pessoa é carregada de ironia, no fim da mesma ele comentará o uso

da expressão “afiar a faca psicológica”: “Registro, com orgulho, que pratiquei, falando de Freud, uma imagem fálica”.

Após reconhecer a utilidade da psicanálise freudiana, Pessoa acrescenta um alerta:

O que desejo agora acentuar é que me parece que esse sistema e os sistemas análogos ou derivados devem ser por nós empregados como estímulos de argúcia crítica, e não como dogmas científicos ou leis da natureza.

E prossegue:

A função do crítico deve concentrar-se em três pontos (1) estudar o artista apenas como artista, não fazendo entrar no estudo mais do homem do que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar de *explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.); (3) compreendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento

É sobretudo com respeito aos fenômenos poéticos de translação que Pessoa dá, ao jovem crítico, uma lição irônica. “O estudo a meu respeito – diz ele – só peca por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir”. Ora, Gaspar Simões interpretava todas as referências no sentido literal, relacionado com a vida do poeta. Pessoa dá como contra-exemplo seu poema de 1913 :

Ó sono da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro de minha alma

É tão lento o seu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,

Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto

Diz então Pessoa: “o sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de São Carlos”. O crítico também havia acreditado detectar, na obra de Pessoa, “saudades da infância”. O poeta garante-lhe que nunca sentiu saudades da infância. Afirma também: “só a falta de dinheiro ou um tempo de trovoada (enquanto dura) são capazes de me deprimir”.

Ora, a obra de Pessoa contradiz essas duas últimas afirmações, dando aparentemente razão a Gaspar Simões. As saudades da infância aparecem várias vezes nos poemas de Álvaro de Campos, em especial no famoso poema “Aniversário”: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos / Eu era feliz e ninguém estava morto [...] Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!”.

Também não se pode dizer que não haja sinais de depressão no mesmo Álvaro de Campos e, principalmente, em Bernardo Soares. Quem conhece o *Livro do desassossego* sabe que a depressão, ali, é muito mais funda do que a contrariedade causada pela falta de dinheiro ou pelo tempo de trovoada. Mais funda e mais vasta, porque é uma depressão ontológica.

Na carta de 1931 que ora nos ocupa, ele mesmo se analisa:

“Do ponto de vista humano – em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque – sou um histeroneurastênico com a predominância do elemento histérico na emoção e do elemento neurastênico na inteligência e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra)”.

Quanto a seu “caso” pessoal, desde jovem Pessoa tentou analisá-lo, e sobre isso escreveu cartas a psiquiatras. O mais importante não é avaliar a justeza ou não da auto-análise do poeta, mas a afirmação da inutilidade da análise do homem para o entendimento de sua poesia. Se a arte é sublimação, como pretendia Freud, deixam de nos interessar as possíveis neuroses do artista, já que foram elaboradas e, de certa forma, resolvidas na obra. Na teoria de Lacan, o “imaginário” neurótico é transformado, pelo artista, em “simbólico”.

Outras linhas de raciocínio nos permitem desfazer as aparentes falsidades do poeta em sua carta. Primeiro: foi justamente para ser vários, e para que não se atribuíssem ao homem Pessoa os sentimentos por ele expressos, que ele criou seus “outros eus”. Se essa distância entre o homem e seus textos existe em qualquer escritor, em Pessoa ela é redobrada pelo “fingimento” heteronímico. Segundo: o poeta finge que é dor, a dor que *deveras* sente. Essa passagem do sentimento verdadeiro à forma artística fingida, na qual ele é ainda mais verdadeiro, é sintetizada no poema “Psicografia” e minuciosamente explicada por Bernardo Soares, no fragmento “Educação sentimental” do *Livro do desassossego*⁸.

O conceito de “translação” é fundamental nos textos de Pessoa sobre a poesia em geral e a sua, em particular. Alguns exemplos: “A ideia de viajar seduz-me por translação, como se fosse a ideia própria para seduzir alguém que eu não fosse”; “Conheço, translata, a sensação de ter comido de mais. Conheço-a com a sensação, não com o estômago”⁹. No mesmo *Livro do desassossego* ele expõe a maneira de fazer com que os outros sintam o que nós sentimos, maneira que consiste em substituir um sentimento por outro. E dá um exemplo: para comunicar uma emoção abstrata como “o cansaço de fazer contas ou o tédio de não ter o que fazer, [...] procuro qual será o tipo de emoção vulgar que tenha o tipo, a forma dessa emoção em que estou agora [...] e verifico que o tipo de emoção vulgar que produz, na alma vulgar, esta mesma emoção é a saudade da infância perdida”¹⁰. Coitado do Gaspar Simões e de todos os críticos que tomam Pessoa ao pé da letra!

Como grande poeta, Pessoa é capaz de sublimar não apenas suas próprias dores, mas as dores de todos os homens. As *translações* que ele efetua não são apenas translações metafóricas, mas também translações do individual ao universal. Pessoa mentia muito em suas cartas, mas dizia sempre a verdade em sua poesia e até nessas mesmas cartas: uma verdade maior do que a sua própria. Não interessa saber se o sino era de uma aldeia qualquer ou do Chiado; as badaladas do poema soam dentro de nossas almas. Não interessa saber se o homem Pessoa tinha ou não saudades da infância. O fato é que, em seus poemas, todos os leitores podem reconhecer suas próprias saudades da infância, e até mesmo as que não têm mas poderiam ter tido.

⁸ *Livro do desassossego*, ed. Richard Zenith, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 433.

⁹ *Idem*, p. 260-261.

¹⁰ *Idem*, p. 256.

A sublimação salva qualquer indivíduo da neurose, e a sublimação artística é a mais poderosa. Por isso, a temática pessoana pode ser muitas vezes depressiva, mas o texto pessoano não deprime, pelo contrário, transcende a depressão pela precisão e pela beleza. Sabemos o quanto a formulação verbal é importante no tratamento psicanalítico. No *Livro do desassossego*, Bernardo Soares observa que “a maioria da gente enferma por não saber dizer o que sente ou pensa”. Dizendo a falta de um “eu” estável, e preenchendo o vazio do desejo com suas prodigiosas formulações, Pessoa nos ajuda mais do que qualquer psicanalista. Ele diz o que não sabemos dizer. E cerca o que diz de “uma aura poética de desentendimento”, que uma crítica literária fundamentada num sistema forte poucas vezes consegue alcançar e manter.

Leyla Perrone-Moisés